

RICARDO SERAFIM



**A MOSCA NA
CABEÇA**

A MOSCA
NA
CABEÇA

por Ricardo Serafim

1

Quando Leônidas abriu a porta do apartamento alugado na Rua dos Turcos, fez questão de entrar com o pé direito, e sem que percebesse, entrou com ele uma desagradável mosca, que veio pousada sobre o ombro do seu paletó.

À primeira vista, ficou com a impressão de ser um local escuro e abafado. Alugara o apartamento com alguma mobília, mas faltava ao imóvel alguns ajustes. O que faltava Leônidas preenchia com suas esperanças. Seria ali o local onde recomeçaria a sua vida, onde faria história.

O recém-chegado largou as pesadas malas no meio da sala e foi para a sacada conferir a vista. Não havia nada de novo, era uma típica vizinhança de subúrbio, composta de sobrados e cortiços, com seus telhados desalinhados por causa dos desníveis e das ladeiras do Centro Velho. Postes velhos, telhados antigos angulados, janelas estreitas e altas. Não era de todo mal, principalmente em vista do conveniente valor cobrado pelo aluguel.

Além do mais, há de ser temporário. Amanhã de manhã, bem cedo, os carregadores trarão o piano. Com o instrumento devidamente instalado, não tardarão a vir as melodias, os temas e as páginas. E se tudo correr dentro dos conformes, até o final do

mês estará com a primeira sonata concluída.

Com a primeira obra em mãos, caprichosamente transcrita para um caderno de capa de couro, Leônidas irá à procura de um bom agente. Não qualquer agente, desses que trabalham com música de salão ou peças publicitárias, esse tempo havia passado. Procuraria um agente internacional de música clássica. Cobrará pela obra um preço justo: nem caro demais, de modo a não ser visto como um iniciante presunçoso, tampouco barato ao ponto de desvalorizar o próprio trabalho. Não, pedirá o preço justo e o justo lhe será satisfatório.

Com o pago da primeira peça quitará, de uma só vez, todo o empréstimo que fizera ao banco. Precisou desse adiantamento para custear a viagem para Caligem e a mudança. Assinou as promissórias que viriam parceladas em doze meses, todavia, desejava liquidá-las o quanto antes, ficando assim livre da obrigação onerosa e dos juros. Feito isso, talvez ainda lhe sobrassem alguns cruzeiros, não muitos, mas suficientes para passar. Será um mês de arrocho, disso não resta dúvida, mas valerá o esforço.

Continuará com as sonatas até o final do ano e todo dinheiro conseguido com a venda dessas obras será economizado a rigor. É certo que precisará dispor de algum conforto e muitas serão as tentações para beliscar o montante. Quem sabe, mandar pintar as paredes descascadas do apartamento com uma cor da moda, trocar o velho sofá de lona por um de veludo ou, ainda, adquirir uma cama nova. Pois bem, sabemos que um artista precisa desfrutar de certo conforto para que esse bem-estar se reflita numa boa produção. Mesmo assim, seria prudente, gastaria somente com o necessário e nem um vintém a mais.

Valendo-se dessas boas práticas e com o espírito alinhado ao trabalho, é bem sensato supor que, dentro de um ano, haveria ele economizado o suficiente para subir ao próximo degrau. Leônidas não deixará que pensem nele como um músico de talento limitado a um único gênero. Assim que tiver dinheiro economizado para se manter por períodos maiores, ele se dedicará à navegações por águas mais desafiadoras. Viriam então os estudos, os quartetos e quintetos de cordas, os réquiens, as missas e os grandes concertos. Obras sérias e profundas.

Por esses períodos, as jornadas seriam mais longas e o trabalho mais árduo. Também, proporcional ao desafio seriam os pagamentos e, quando esses viessem, seria o fim da preocupação mundana com o pão. Livre das pequenices da existência, Leônidas poderia então se ocupar da imortalidade. Compraria um casarão em Recife ou quem sabe no Rio de Janeiro, onde o clima fosse mais aprazível à arte, e sobre as teclas de um novíssimo piano de cauda, escreveria sua primeira sinfonia, que seria executada no teatro municipal.

Tudo isso pensou enquanto olhava a paisagem pela sacada. Divagou por tanto tempo que se pegou surpreendido pela sombra dos prédios. As luzes amarelas dos postes começaram a acender.

Fechou a janela e com ela o portal por onde esses devaneios tão doces lhe escapavam da alma. Antes de sonhar com os aplausos das plateias havia uma dívida a ser paga e, antes da dívida, uma sonata a ser escrita, e antes da sonata, duas malas esperavam para serem desfeitas. Uma coisa de cada vez.

Arrumou os poucos pertences, pendurou as roupas no velho guarda-roupa, pegou o retrato da falecida esposa e colocou sobre o criado-mudo. O item que merecia mais atenção era o revólver .38, que comprara a menos de uma semana. O apartamento da Rua dos Turcos ficava numa região pouco prestigiada, não era sensato que um homem sozinho não tivesse um meio de defesa. Tinha pouca prática com armas e esperava nunca precisar usar o revólver, mas se fosse preciso, estaria ele pronto, cuidadosamente guardado na gaveta do criado-mudo.

Estava a aprontar a cama para dormir quando tocou a campainha. Não tinha amigos na nova cidade e não fazia ideia de quem poderia o procurar àquelas horas da noite. Abriu a porta com cautela, somente uma brecha, sem tirar a mão da maçaneta.

Parado à porta estava um homem alto, vestido com um terno cafona e de chapéu panamá. O estranho parecia inquieto.

— Boa noite! — disse o homem nervoso, retirando o chapéu. — Tenho hora com a senhorita da casa.

— Deve haver algum engano, não mora nenhuma senhorita aqui. Passar bem...

Leônidas moveu a porta, mas o estranho se adiantou, e com a ponta do sapato impediu o fechar da porta.

— Não!, por favor! Sou de confiança, conheço o Mendonça, foi ele quem me deu o endereço. — e mostrou um pedaço de papel.

Leônidas pegou o papel e viu que nele estava escrito um en-

dereço:

*Centro Velho – Rua dos Turcos – Prédio
Aristides Carvalho, apto 5...*

O endereço estava certo, mas o apartamento estava errado. Enquanto Leônidas explicava ao estranho a confusão, a porta do apartamento ao lado se abriu e de lá saiu uma bela jovem, com lindas pernas compridas, vestindo somente uma camisola fina.

Se desfez o mal-entendido. O estranho foi em direção a moça. A jovem acenou para Leônidas, que meio sem jeito, ficou apenas parado vendo os dois entrarem porta adentro.

Na cama, Leônidas tentou dormir. Esperou, virou para os lados, mas o sono não vinha. Abriu os olhos e ficou a encarar o teto. No apartamento ao lado, o homem de chapéu panamá e a moça de pernas compridas se divertiam.

Pela manhã chega o piano, pensou.

Demorou a cair no sono, em parte por causa dos próprios pensamentos, em parte por causa dos barulhos que vinham do apartamento ao lado. Havia também um constante gotejar que o incomodava, que vinha da torneira do banheiro e que não parava, por mais que torcesse a haste. Ainda pior que os barulhos e os pensamentos, era a mosca. A mesma mosca que chegara junto com ele rondava o quarto, sobrevoando sobre a sua cabeça num zumbido enfadonho.

Sem conseguir espantar o inseto, recorreu a sua velha estratégia das noites de insônia: Reproduziu mentalmente alguns trechos de suas obras preferidas. Alguns noturnos de Mozart, prelúdios de

Liszt e as sonatas de Chopin. Insistiu e repetiu os mesmos trechos até a música se transformar num fluxo. Se deixou levar pela correnteza e, guiado pelas melodias dos grandes gênios, dispersou enfim no reino dos sonhos.

3

O sonho dependia somente dele, mas as notas pareciam escapar-lhe pelas pontas dos dedos. Leônidas, sentado ao piano, tocava, suave, exasperava-se, mas nada surgia. Não era por falta de esforço, nem de vontade. Ia o músico com afinco ao encontro das teclas, mas as melodias saíam-se ásperas, tímidas, monótonas e o que era pior: sem brilho. Depois de longas sessões infrutíferas, o pianista limpava o suor da testa, levantava-se e ia consultar pela enésima vez os cadernos com as transcrições das obras dos grandes compositores. Perdia-se entre longas caminhadas pelos palácios musicais de Chopin, Schumann, Liszt e outros. Dedicava-se a leitura minuciosa dos movimentos, das aberturas, dos segmentos, das estruturas harmônicas. Estudava os trechos com a tenacidade de um investigador à procura de fios de cabelo em uma cena de crime. Então, convencido de que achara novas pistas que lhe indicariam a solução do mistério, voltava ele confiante ao instrumento para mais horas de trabalho, em vão.

Coçava a cabeça, dava voltas na sala, tomava um copo d'água, uma xícara de café, mas nada de bom saía. Havia-se passado uma semana. As cortinas estavam instaladas, os móveis estavam nos seus lugares, as tralhas arrumadas nas gavetas e o piano perfeitamente acomodado no canto da sala. Tudo em seu devido lugar,

exceto a inspiração. Esta, ao que parecia, podia estar escondida em qualquer lugar da cidade, menos entre as paredes daquele pequeno apartamento da Rua dos Turcos.

Uma semana e nenhuma melodia digna de nota. O que lhe vinha, *quando vinha*, era canhestro e cafona. E quando, ao acaso, alguma coisa boa surgia, era só a sombra de alguma melodia dos *grandes* que lhe rondava os recantos da memória, tentando se passar por ideia original.

Suas costas doíam. O suor da testa escorria pelo rosto. Levantou e foi até a sacada desabotoando a camisa que, por causa do suor, estava colada ao corpo. Na sacada, observou o movimento da rua, gente que ia e vinha. Ali, o ar era um pouco melhor. Olhou as horas e viu que eram seis e vinte, fim do expediente. Daí a pouco os trabalhadores do centro voltariam para suas casas, reencontrariam suas famílias e descansariam, enquanto ele (que souou, mas não produziu), teria que voltar ao labor.

Não estava direito. Aquele acanhamento criativo não condizia com seu grau artístico. Reconhecia que era um músico em começo de carreira, sem renome e sem nenhuma obra publicada, mas isso era devido aos caprichos das circunstâncias. Estudara a vida inteira, se dedicou ao instrumento e sentia-se preparado. Teve bons professores e deles recebia constantes elogios. Deve-se confessar que, na mesma medida, houve outro tutor que lhe fez severas críticas quanto ao seu talento para composição. Disse esse último que Leônidas era um ótimo pianista, porém, um péssimo compositor. Essa crítica Leônidas achava injusta. Suspeitava que esse professor o criticava por motivos pessoais, quem sabe, o paradigma do discípulo que supera o mestre. Leônidas sabia que

podia compor uma grandiosa peça e se ainda não a fizera era porque algo estava o atrapalhando.

O apartamento! Eis o grande vilão.

Fora enganado. Pensava que havia feito um bom negócio alugando aquele imóvel a um preço camarada. Explicava-se então o motivo da pechincha. Fizera um mau negócio. O lugar era péssimo, mal localizado, mal avizinhado, próximo as lojas e botequins do centro, barulhento. Durante a noite havia o alvoroço dos bares e dos bêbados, durante o dia, dos carros e das buzinas. Dentro do recinto, o barulho também era constante. As portas rangiam, o piso estalava, além daquela maldita torneira que pingava a noite toda, sem cessar, e que o proprietário postergava em mandar vir o bombeiro consertar. O que dizer, então, do calor que não dava trégua nem com as janelas abertas? Aquele não era lugar para um grande artista. Teria Beethoven composto a nona se morasse num inferno semelhante àquele?

Havia ainda aquela impertinente mosca. A detestável criatura era solitária, mas incomodava mais que um exame. Quando menos esperava ela surgia, como se viesse do inferno, a zanzar pela casa, lhe atormentando o juízo, pousando nos seus papéis e na sua comida, zumbindo aos seus ouvidos durante a noite. Asquerosa inimiga do sossego.

O dia estava perdido, mas ainda havia o segundo turno. Foi ao telefone e encomendou o jantar: bife com batatas, assim como havia pedido todas as noites desde que chegara ali. Café, almoço e janta vinham-lhe entregar à porta. Leônidas se recusava a sair de casa. Prometeu que não colocaria o pé para fora do apartamento enquanto não compusesse a primeira sonata.

Após pedir o jantar, foi ao sofá descansar. Assim que acendeu um cigarro, os gemidos começaram.

Como poderia ter esquecido de mencionar aquele último requinte de crueldade? Era a cereja do bolo! Leônidas havia percebido que a vizinha, aquela que recebera o homem de chapéu panamá, começava o expediente por aquelas horas. Então, após o primeiro visitante bater à porta, era um desfile de gemidos, gritinhos e sorrisos que durava a noite toda. Um entra e sai de homens (ou melhor seria, clientes), um abre e fecha de porta, cadeiras arrastando, copos quebrando e cama rangendo. Era impossível se concentrar nas minúcias da composição de uma peça musical tão complexa enquanto do outro lado da parede se ouvia os mais indiscriminados sons da lascívia. Justo à noite, que como se sabe, é quando os artistas sentem-se mais abertos a visita da inspiração. Todas as noites havia o piano de Leônidas competido com os gemidos que vinham do quarto ao lado e, todas as noites, o instrumento perdia. De dia eram o calor e o barulho, a noite eram o barulho e os gemidos. Os dias passavam e ele nada progredia.

Os gemidos continuavam. Leônidas foi ao banheiro, fechou a cortina e ligou o chuveiro. Deixou que a água levasse os pensamentos embora. Mesmo debaixo do chuveiro os gemidos da vizinha ainda eram ouvidos. Enquanto banhava ele pensou na vida suja da mulher ao lado, até que toda a ansiedade se esvaiu, sumindo com a espuma pelo ralo.

Após o jantar, as coisas se acalmaram, ele fumou um cigarro e foi ao piano mais uma vez fazer novas tentativas. Estava relaxado, sentia boas vibrações, parecia que a inspiração finalmente estava vindo. Colocou novas páginas sobre o piano e notou que uma

mosca — a mosca — estava pousada sobre o retrato da falecida esposa. Espantou a insolente criatura, que voou, zumbindo ao lado do seu ouvido. Assim que o inseto se foi, corrigiu a postura, alongou os braços e começou a tocar. Mal havia tocado as primeiras notas quando os gemidos ao lado recomeçaram.

4

Na mesa da cozinha, cercado por papéis rabiscados, Leônidas fumava o décimo cigarro daquela manhã. A mosca estava lhe importunando, zanzando ao redor, pousando sobre o seu rosto. Estava de camisa aberta, enquanto gotas de suor escorriam entre os pelos do peito, quando começou um ataque de tosse. Procurou pelo cinzeiro que deveria estar entre os papéis e os livros, mas não o encontrou. *Dane-se!* Lambeu as pontas dos dedos e com eles apagou a brasa, jogou a bituca para lado e foi tossindo sem parar até o banheiro. Escarrou na pia, continuo a tossir.

Quando o acesso cessou, lavou o rosto e se encarou no espelho da pia. Era a própria face da derrota. Cabelo desganhado e ensebado, manchas escuras ao redor de olhos amarelados, barba espetada, rosto magro e chupado, onde novas rugas apareciam, profundas como vincos na madeira. Olhava esses detalhes no espelho quando a torneira estourou, fazendo jorrar água pelo ar. Com o susto, Leônidas escorregou, caiu e, na queda, bateu com a cabeça na quina do armário da pia.

A pancada o deixou deitado ao chão se contorcendo com as mãos na cabeça e praguejando, enquanto a torneira quebrada

fazia chover sobre ele. Ergueu-se com a mão na testa. Usou a própria camisa para atar o vazamento do cano. Olhou a testa, o calombo que surgia, e limpou o sangue que começava a escorrer. Foi até a cozinha e no caminho tropeçou no cinzeiro, a droga do cinzeiro que deveria estar sobre a mesa. Chutou o objeto que se espatifou na parede espalhando cinzas e bitucas pelo piso.

De dentro da velha geladeira tirou gelo e colocou na testa. Procurou por outras medidas para aliviar a dor da batida e encontrou, dentro do armário da despensa, uma solitária garrafa de uísque. Levou a garrafa para a sala, mas nenhum copo.

Quinze dias e nada da sonata. Se juntasse todas as boas ideias que tivera, e chamá-las de boas já era bondade em si, não teria sequer um bom scherzo. Tocava, insistia, martelava as teclas, mas nada que surgia parecia satisfazer a seus ouvidos. Revirou os cadernos antigos à procura de alguma boa ideia esquecida, em vão, pois tudo que encontrava eram ideias frias e estudos de iniciante.

Estava farto. Um cavalheiro deve sempre reconhecer a derrota. Então, se assim o destino queria, não cabia relutar, assinaria a carta de rendição e beberia para comemorar o fracasso.

A garrafa de uísque secou. Leônidas estava sentado ao piano, pegou o retrato da falecida esposa. Ela se chamava Maria e tinha sido uma mulher elegante e inteligente. Casaram-se cedo, ele com vinte e um, ela com dezessete. Viveram felizes pelos primeiros cinco anos, até que as primeiras nuvens apareceram sobre o casamento. Maria era uma mulher ciumenta e, com o passar dos anos, esse defeito foi se acentuando. Desagradava ao ver o marido conversando com qualquer outra pessoa, mesmo os conhecidos. Tinha ciúmes das esposas dos amigos, das colegas de orquestra,

dos parentes, enciumava até mesmo do piano, ao qual alegava receber mais atenção que ela. Estavam a ponto de romper quando, ao final do sexto ano, Maria começou a se queixar de fortes dores no estômago. Consultaram médicos, fizeram exames, Maria tomou as drogas indicadas, mas as dores continuaram, cada vez piores. Fizeram mais exames. Os médicos, constrangidos, não sabiam explicar a causa do mal. Como não encontraram nada de errado com o corpo, culparam, então, a mente. Leônidas passou a cuidar da esposa e essa atenção tomou-lhe todo tempo. Afastou-se da orquestra, parou de dar aulas, não encostou mais nas teclas de marfim. Todos os dias, no fim da tarde, Leônidas fazia questão de preparar para a esposa um chá de ervas, receita da avó. Um dia, depois de tomar o chá cuidadosamente preparado pelo marido, Maria expirou.

O luto foi breve. Antes da missa de sétimo dia, o viúvo já havia retornado a rotina normal. Não fazia sentido deixar-se abater, tinha uma vida inteira pela frente. E se essa rápida recuperação causava estranheza nos colegas, não se importava em, vez por outra, dissimular uma leve melancolia que era cabida à situação. O importante era seguir com a vida. O atestado de óbito da esposa, era, por assim dizer, seu título de liberdade. Livre de um casamento penoso e infeliz, agora podia se dedicar exclusivamente à música, sem distrações.

Vendeu a casa, o carro, os poucos bens e foi estudar. Viajou para a Europa, conheceu Londres e Paris, fez amizades, conversou com músicos do velho mundo, experimentou e aprendeu. Acrescentou um pouco de francês aos seus conhecimentos, assistiu as grandes óperas, os grandes concertos, os festivais. Ao fim de dois

anos, retornou ao Brasil. Estava no fim de suas reservas, mas sentia-se pronto. Foi ao banco, fez um empréstimo e se mudou para Caligem.

Lembrou de como estava confiante quando entrou no apartamento da Rua dos Turcos. E tudo desmoronava ao nada. Em quinze dias, havia ido da esperança ao desespero.

Arrebentou a garrafa vazia na parede da sala, deitou o retrato da esposa sobre o piano, chutou o banco, virou a mesa. Papéis voaram.

Abriu a porta e parou em frente ao corredor. Tinha prometido que não colocaria o pé para fora do apartamento enquanto não terminasse a sonata.

Para o inferno a sonata!

Atravessou a porta, caminhou cambaleante pelo corredor e parou em frente ao apartamento do lado. Tocou a campainha. A vizinha atendeu a porta, com suas belas pernas compridas. Vestia uma camisola de seda rendada e aponta dos seus mamilos se pronunciavam pelo tecido. Leônidas não disse nada. Aquele olhar falava por si. Entraram os dois. A porta fechou.

Houve gemidos, mas dessa vez Leônidas não os reprimiu. Esses eram outros gemidos.

5

Levantou-se rápido, como quem acorda de um pesadelo, com a cabeça doendo e a visão embaçada. Esfregou as têmporas. Demorou um pouco para voltar a si, então reconheceu o seu quarto. Roupas espalhadas pelo chão, sapatos

sobre a cama, uma meia pendurada na gaveta entreaberta do criado-mudo, onde reluzia o brilho niquelado do revólver. A cabeça latejava e entre as pontadas de dor surgiam lampejos da noite passada. Além da dor, havia algo mais, bem no fundo da cabeça, um ruído contínuo, cadenciado. *Seria um zumbido?* Paralelo ao ruído também havia outro som; um cantarolar suave, que vagava por sua mente, deslizando por notas delicadas. Leônidasperseguiu a melodia, a agarrou, a puxou para fora das profundezas da consciência com a paciência de um velho pescador. Cantarolou a ideia em voz alta.

Saltou da cama e foi ao piano, tropeçando e desviando dos móveis revirados pelo apartamento. Sentou ao banco trajado somente da cueca e com a mão direita tocou o mote. Fazia pausas entre cada nota para se convencer de que tudo fazia sentido. Em seguida, tocou novamente, com confiança, a mesma sequência de notas, mas adicionando algumas variações, um contraponto. Ouviu-se com atenção enquanto tocava e o seu coração disparou.

Ora!, não era uma bela melodia!?

Sorriu para o piano, beijou o retrato de Maria, mas logo desfez o gracejo, tinha que registrar a ideia. Catou o primeiro pedaço de papel que as suas mãos alcançaram e, com um lápis que era pouco mais que um pitoco, anotou a ideia com uma caligrafia tremida e descuidada, num impulso, para que a inspiração não lhe escapasse pelos becos da memória.

Esfregou os olhos e examinou com atenção a melodia transcrita. Comparou com seu acervo mental em busca de encontrar o plágio com as obras consagradas, afinal, era prudente desconfiar de um presente tão fácil, entregue numa bandeja de prata

pelas musas. Olhou os cadernos, puxou da memória, consultou os livros, os catálogos, não achou nada. Podia alegrar-se, era uma ideia autêntica.

É certo que o fragmento musical lembrava alguma coisa menos memorável dos românticos, mais em estrutura do que em textura, mas a semelhança se limitava apenas a isso. A melodia não era excepcional, mas era digna, *bem digna*. Deve-se dizer, melhor que tudo que fizera antes. Havia naquelas poucas notas um pouco da matéria prima que constitui as grandes composições. Tremenda ironia. Foi só desistir de perseguir a inspiração que essa menina travessa resolveu dar às caras.

Tomou um banho, cantarolou no chuveiro, fez um café, esqueceu a dor de cabeça e se pôs a trabalhar. Seguiu a trilha da melodia, que era doce, e dela fez um tema. Variou sobre o tema e mais ideias frescas foram surgindo organicamente. Ia tocando e anotando, sorrindo e compondo. A música só parou quando a campainha tocou e, a contragosto, Leônidas foi até a porta atender ao chamado. Era o garoto sardento do restaurante da esquina. Trazia o almoço de sempre. O tempo correu e, com surpresa, viu que era meio-dia.

A comida esfriou e foi para o lixo intocada. Comeria depois, o importante era voltar logo para o piano, de modo a não perder a inspiração. Leônidas tocava e tudo que saía parecia servir a contento. Até mesmo o clima parecia estar mais aprazível, sem o calor dos últimos dias.

Ao final do dia, o músico orgulhoso reuniu os papéis e examinou novamente as partituras, como se para se certificar que as notas estavam realmente ali, de que não estava vivendo um sonho.

Era verdade! Estava exausto, mas feliz.

Tudo parecia estar perfeito, exceto por um distante zumbido, que ressoava no fundo de sua cabeça desde a hora do despertar, sem cessar. Coisa muito pequena, por certo, os resquícios dos excessos da noite passada. *Vai passar*, pensou, e continuou a tocar.

6

O garoto ruivo a quem Leônidas apelidou de Hermes, *o mensageiro dos deuses*, acabou por se tornar o seu encarregado por conveniência. Além de trazer as refeições, Hermes passou a fazer-lhe pequenos favores e foi um desses favores que o trouxe à bater na porta do apartamento 510, naquela manhã. O garoto Hermes chegou com uma sacola da farmácia cheia de comprimidos para dor de cabeça. Leônidas pegou a sacola de papel, deu uma gorjeta e agradeceu o presto. Hermes saiu assoviando uma canção popular.

A cabeça de Leônidas estava a ponto de explodir. Desde a manhã póstuma ao encontro com a vizinha de pernas compridas, crescia dentro de sua cabeça um zumbido constante. Nos últimos dias, o incômodo vinha se acentuando. Já havia tido crises de enxaqueca antes, durante a juventude, mas nada se comparava com aquela dor. Aquele zunido era algo diferente.

Apesar do constante incômodo, nos cinco dias que se seguiram ao episódio da epifania musical, vinha ele conseguindo manter um bom ritmo de produção. O volume de papéis sobre o tampo do piano aumentava a cada sessão. Tudo ia bem, o calor deu trégua, os barulhos se tornaram mais distantes, até mesmo

aquela inconveniente mosca, que gostava de lhe importunar o juízo, havia sumido. Por certo havia morrido, ou achara outro infeliz para atormentar. Em verdade, se não fosse pelo constante desconforto em sua cabeça, estaria ele vivendo um agradável período de inspiração e paz.

Lançou goela abaixo um punhado de comprimidos para dor e tomou um gole de água da torneira, pois estava evitando abrir a geladeira. O incômodo há de ser passageiro, pensou, enquanto a obra será eterna. Isto é o que importa.

7

Naquela noite Leônidas não conseguiu dormir. Ajeitava o travesseiro sob a cabeça, revolvía-se na cama, reproduzia mentalmente as suas peças preferidas, mas nada disso surtia efeito. Fechava os olhos e no mesmo instante ouvia o zumbido de asas de inseto. Abanava os braços, sacudia o lençol e o barulho cessava. Então, após um breve sossego, o ruído recomeçava, mais alto e irritante.

Impaciente, levantava-se, acendia a luz e procurava pelo inseto. Nada via. Convencia-se que o intruso havia debandado e retornava à cama. Estirava-se, fechava os olhos e logo o zumbido também voltava. Repetiu esse proceder por algumas vezes. Chegou a tal ponto, que era perceptível o bater de asas, o zunir que atravessava sua mente, nítido como se colasse o ouvido num motor elétrico. Não restavam dúvidas, o som vinha de dentro de sua cabeça.

Era a mosca, a mesma mosca que gostava de repousar sobre o

retrato de Maria, a mesma que lhe acompanhava desde o primeiro dia. Ela havia retornado e, de alguma forma, havia penetrado dentro de sua cabeça como um parasita intracraniano.

Não sabia como isso era possível, mas era inegável. Já podia até sentir as patinhas do inseto a escavar em seu cérebro e essa sensação lhe deixou louco. Sentiu náuseas ao conceber a imagem de uma criatura tão repulsiva vivendo dentro de seu crânio e correu ao banheiro para vomitar. Passou horas molhando a cabeça, bloqueando as vias aéreas e fazendo pressão para fora do orifício auricular, na tentativa de expulsar a invasora para fora de seu corpo. Batia com os punhos na cabeça repetidas vezes, sacudia, andava de um lado para o outro, mas nada que fazia resolvia o problema. O animal continuava lá.

Cansado, desistiu. Ficou deitado no chão do banheiro, ao lado da privada, que exalava um cheiro pujante de vômito, ofegando e apertando com as mãos a cabeça. Gemia... Nada que fizesse conseguia enxotar a criatura. Era batalha perdida. Precisava de ajuda, urgente, antes que o inseto comesse a beliscar o seu cérebro e consumir sua massa cinzenta. Isto é, se já não houvesse começado a fazê-lo.

O problema era, como pedir ajuda e à quem? Ir ao hospital e consultar-se com um médico? Seria sensato? Imaginava-se chegando ao pronto-socorro e relatando para o médico de plantão: *Doutor, tem uma mosca dentro de minha cabeça. Sei que isso parece loucura, mas é verdade. Ela está viva e se movendo. Se o senhor quiser, posso até apontar o local onde ela está agora e, quando ela se mover, acompanho a trajetória com o dedo.* Não, isso seria um grande erro. Os médicos jamais acreditariam nele. O tomariam

por louco. Seria enfiado numa camisa de força, jogado numa cela acolchoada, para a sua própria segurança, é claro, e seus gritos seriam ignorados. Teria que dar adeus ao piano, as sonatas e aos concertos. Passaria o resto da vida suplicando para o vazio, amarrado a uma cama, somente com o zumbido da mosca dentro de sua cabeça a lhe fazer companhia. Mais desejável seria a morte.

Levantou-se, foi à cozinha, preparou uma caneca de café. Precisava enxergar o problema de forma lúcida. Sentou-se à mesa, com a caneca nas mãos, sentindo o aroma da bebida subir pelas narinas. Contemplou a saída de seu infortúnio, viu o piano. Seria a música sua boia de salvação. No meio dessa tempestade, ainda mais do que antes, fazia-se necessário completar sua obra. A sonata! Era ela quem iria lhe salvar. Precisava do dinheiro que viria com a venda da peça. Somente os pobres são chamados de loucos, os ricos, *ah!, os ricos!*, esses são tratados diferente. Quando muito, são chamados de excêntricos. O dinheiro muda tudo de perspectiva. Com um bom pagamento poderia consultar-se com os melhores especialistas. Homens de classe, intelectuais, com sensibilidade para ouvi-lo sem severos julgamentos. Somente esses ilustres profissionais poderiam lhe proporcionar um tratamento adequado.

Se não conseguia dormir, então trabalharia. Calaria o zumbido da mosca dentro de sua cabeça com a música do piano. Além do mais, assim como entrou, poderia o inseto evadir-se e, quando menos esperasse, teria ido a asquerosa criatura embora, atormentar outro malfadado.

Sentado ao piano, Leônidas tocou e, enquanto as notas soavam, até se esqueceu da mosca. Tinha muito trabalho a fazer.

Nos dias que se passaram, tudo ao redor de Leônidas degenerou. Cresceram pelos cantos do apartamento pilhas de lixo. Papéis revoavam por todos os cômodos. Sacolas e caixas das refeições passaram a fazer parte da composição do ambiente. Os lençóis não eram trocados, as roupas não eram lavadas, o chão não era varrido, o lixo não era descartado. O ambiente convidou os pequenos seres rastejantes que se acomodaram em novas tocas, onde se multiplicaram. Acostumou-se com a presença das baratas e das aranhas. As cascudas passeavam displicentemente pela pia, sobre a mesa de jantar, enquanto os aracnídeos progrediam espantosamente bem nas suas teias nos cantos das paredes, nos tetos e entre os móveis. Tudo fedia, mas o pior cheiro vinha da velha geladeira. Exalava do cubo amarelado um cheiro pútrido, de carne estragada e por causa disso Leônidas parou de usar o eletrodoméstico. Bebia água da torneira, mas não tocava na geladeira. Quando o garoto vinha lhe trazer comida, Leônidas desligava todas as luzes, tentando dessa forma ocultar a precária situação, ainda que desconfiasse que o fedor que vinha do interior o denunciava.

O desmoronar de uma encosta, quando começa, é antecedido por pequenas pedras que começam a rolar. As pedras desprendidas rolam, a primeira camada fina cede e desliza, as pequenas porções instáveis movem-se, deslizam também, atua a força invisível da gravidade que puxa a massa. Logo a colina inteira vai abaixo. Leônidas era uma colina açoitada pela erosão e pela tempestade.

As primeiras pedras já haviam rolado. Como interromper a gravidade?

Batidas à porta, o mundo chamava. Foi até a entrada e abriu a porta devagar, somente o suficiente, nem um triz a mais. Era o garoto Hermes, que tentava espiar para dentro do apartamento através do espaço mínimo entre o homem e a esquadria, trazia a comida numa sacola. Leônidas pegou a sacola, quase tomando das mãos salpicadas de sardas do menino e pagou em dinheiro miúdo.

— Não precisa mais trazer a janta, garoto. Vou me ausentar por uns dias. — disse Leônidas, enquanto o garoto contava as moedas.

— Quando o senhor volta?

O garoto mal disfarçou, curioso, tentando olhar melhor o interior lúgubre do recinto.

— Logo, não se preocupe, quando voltar eu ligo novamente. Passar bem.

Fechou a porta na cara do garoto, que ainda falou pela fresta cerrada: *boa viagem*, num tom que vagava entre a gentileza e o sarcasmo.

Trancou a porta, duas voltas na chave, foi a cozinha e jantou. Não viria mais comida pronta. O dinheiro estava no final. Restavam algumas moedas, coisa pouca, que não faria inveja a um pedinte de esquina. Teria que se virar com o que tinha na dispensa. Coisas que já estavam ali antes dele chegar e que somente existiam devido ao puro desleixo de ter-se esquecido de descartá-las à época. Era meio pacote de farinha, meio pacote de arroz (aberto e com alguns bichinhos mortos), um quarto de pacote de fei-

jão (também com alguns bichinhos, só que estes vivos), e alguns enlatados tão antigos que os rótulos eram amarelados e estavam descolando. Resume-se a isso todo tesouro.

Curioso era que, apesar de toda a imundice em que estava vivendo, no apartamento 510 da Rua dos Turcos não havia nem uma mosca sequer em todo o recinto — além, é claro — da infeliz que vivia agora dentro da sua cabeça. Como explicar? Uma única mosca, dia e noite a zumbir.

Achava-se um condenado. Na sua atual condição, não podia sair de casa. Não podia pegar o telefone e pedir ajuda sem correr o risco de ser trancafiado como um insano. Como seria terrível a humilhação. Teria que encarar a expressão de pena nos olhares dos conhecidos. Falariam do promissor pianista que fora levado muito cedo, vítima da demência. Falariam dele como se estivesse morto, mesmo que ainda respirasse, dopado, esquecido em alguma casa de saúde no interior do estado. Não poderia enganar os médicos, de fato, não poderia enganar ninguém. Qualquer passante que lhe visse agora teria, no ato, o diagnóstico. Sua aparência era de miséria. Sua pele estava ficando cada dia mais cinzenta, seus olhos profundos e negros e havia perdido metade do peso. Era um esqueleto, um monstro.

E ficava pior.

Uma noite, estava ele ao piano, tocando para sua fiel plateia de baratas e aranhas, quando começou uma coceira insistente no braço. Quanto mais coçava, mais formigava a pele. A coceira se espalhou e, em pouco tempo, seu corpo todo estava vermelho e fervilhando. Pela manhã, apareceram pústulas, que cresceram e viraram úlceras e, foi então que, de dentro de uma úlcera, justo

no braço onde havia começado a enfermidade, saiu uma gorda larva de mosca-doméstica. E depois vieram mais.

9

Com as pontas das unhas Leônidas tentava arrancar uma larva de dentro do pescoço. O bicho era esguio e fugia sob a pele, se contorcendo para entrar mais dentro da carne. No chão, entre as suas pernas, haviam os restos esmagados de mais vinte outras larvas, companheiras capturadas da que tentava fugir pelo pescoço. Levantou-se e foi ao banheiro e lavou os braços na torneira quebrada, derramando água dentro da pia eternamente, como a correnteza de um rio. Não conseguiu fugir da imagem refletida no espelho. Quando o monstro havia tomado o lugar do distinto músico? Esfregou o rosto, a barba avolumada, os olhos profundos. Olhou dentro dos próprios olhos no reflexo parco do espelho e imaginou a mosca, sádica companheira, vivendo acomodada por detrás dos seus glóbulos oculares, decidida a não abandonar a nova moradia.

Não guardava nem uma gota de esperança para si. Sua condição sórdida era irreversível. Ele era um caso ímpar, o único miserável a sofrer a moléstia de coexistir com um inseto vivo dentro do cérebro. Era o fim. Estava nos portões da ruína, corpo e mente. A morte fazia sombra nos ponteiros do relógio. Não tardaria.

Antes de abandonar o mundo, não deixaria essa existência sem terminar o que começou. Completaria a sonata! Nem que o demônio lhe infligisse em duas vezes as chagas de Jó ou que sua carne putrefata se desprendesse dos ossos. Terminaria a obra que,

assim como ele, se encaminhava para os movimentos finais.

Movido por um ódio irradiante, com as veias dilatadas, os dentes cerrados, nu, compelido por um ímpeto que vinha das entranhas, sentou-se ao piano e tocou. E como foi lindo o que saiu das cordas do instrumento. Era o encerramento da sonata. E que belo final!

Se comparada às obras dos mestres, não ficaria mal. Quem sabe, estaria a altura das grandes sonatas! Sim, era preciso muita má vontade para não assumir que aquela era uma bela peça. Saiu à custa da vida do próprio autor, mas valia o preço. Nem que fosse por um brevíssimo momento, havia o autor se igualado aos grandes compositores imortais. Morreria em paz.

Com as mãos trêmulas, com a vista turva, transcreveu a parte final da obra para a partitura. Era madrugada, a mosca zumbia e agitava, como se fizesse uma tempestade dentro de sua cabeça, num insuportável revoar, mais alto do que nunca.

Leônidas colocou as folhas em ordem, conferiu para ver se não faltava nada, acrescentou alguns por menores, algumas anotações e estava pronto. Colocou a pilha sobre o piano e sentiu a necessidade de nomear a obra. Por todo esse tempo havia ignorado esse detalhe. Escreveu: *Sonata 1 – Despedida Noturna*. Sentiu uma imensa satisfação ao fazer isso e esse foi o último prazer que teve em vida. Após isso, foi até o quarto, tirou o revólver da gaveta do criado-mudo, municiou e engatilhou a arma, apontou o cano para a cabeça, bem no lugar onde sentia o inseto repousar, desejando que a bala levasse a mosca junto para o inferno, e apertou o gatilho.

O barulho do disparo percorreu os recantos do edifício, alcan-

çou a rua. Algumas janelas se acenderam nos andares inferiores e nos prédios vizinhos, e os cães ladraram pelos becos na madrugada.

10

Eduardo e Rodrigo estavam de plantão quando receberam o chamado para averiguar um provável disparo de arma de fogo, efetuado dentro de um prédio na região do centro velho. Dirigiram-se então, os dois policiais, ao local da ocorrência e quando chegaram ao endereço, já ali os esperavam um grupo de moradores metidos em pijamas que discutiam e reclamavam junto à entrada do prédio.

Os moradores indicaram qual era o andar onde havia ocorrido o disparo. Um senhor corpulento, com sotaque árabe, falou aos oficiais sobre um morador que se mudara há pouco tempo e do qual ninguém nunca via a cara. Sujeito estranho e soturno, que mandava subir comida por um garoto de recados e não era visto nem na portaria. Sendo assim tão discreto, sua existência só era percebida por causa do tocar de um piano, que durante o dia era encoberto pelos barulhos cotidianos, mas que à noite destacava-se, ressoando pelos vãos do edifício.

Os policiais subiram até o quinto andar, acompanhados do árabe gordo e de sua esposa, que fora reclamando sem parar ao pé do ouvido do marido. Bateram à porta do apartamento 510, tocaram a campainha, chamaram pelo morador, mas ninguém atendeu. Ouvia-se, no entanto, um barulho de água derramando ao fundo e via-se, por debaixo da porta, o brilho tênue de uma

luz acesa do lado de dentro. Pressentindo que deveriam entrar no recinto, os policiais arrombaram a porta da frente e, no momento em que a porta se abriu, irrompeu do interior do apartamento um cheiro fétido, intragável, que pegou a todos de surpresa.

Recuaram todos ante a parede invisível de podridão. Confirmava-se a intuição dos agentes. Mesmo do lado de fora, era possível ver o amontoado de lixo, o chiqueiro, a imundice, ainda que a luz do cômodo estivesse apagada. Sacaram as armas e mandaram que o velho e sua mulher deixassem o local.

Entraram, um atrás do outro, de armas à mão, pisando sobre papéis, enquanto baratas corriam por todos os lados, fugindo de serem esmagadas pelas botas dos policiais. A única luz acesa vinha do quarto à direita e foi para lá que os policiais se dirigiram. Ali, eles encontraram o corpo de Leônidas; nu, ainda segurando o revólver na mão direita, toda sua pele branca e lisa como uma pérola, como se há muito não fosse tocada pela luz solar, deitado atravessado na cama, com as pernas dobradas e os pés no chão. A cabeça estava estourada, nela havia um buraco do tamanho de uma laranja, por onde escorrera para fora uma boa porção da massa encefálica, num espirro de sangue e miolos que corria pelos lençóis encardidos, cruzando a cama até se chocar na parede oposta, onde imprimiu uma mancha negra. Sobre o opaco olho aberto do morto, uma gorda mosca peluda batia as asas e esfregava as patinhas peludas.

Após vasculhar o restante do apartamento e não encontrar mais nada além de uma torneira quebrada que derramava água sem parar, Eduardo guardou a arma e sentou-se ao piano. Viu o retrato de Maria e ao lado dele uma pilha de papéis. Pegou as

folhas, pensando que poderia haver entre aquele maço uma carta de despedida.

— Rodrigo, vem aqui! Dá uma olhada nisso...

Rodrigo pegou os papéis, aprendera a tocar trompete nos tempos de quartel e sabia ler música.

— O que você acha? — perguntou Eduardo.

O policial que tocava trompete examinou com atenção as páginas, coçou o queixo, fez uma expressão intrigada e, por fim, devolveu as partituras ao colega.

— Acho que isso não vale nada.

A música contida nas primeiras páginas era interessante, segundo a opinião de Rodrigo, mas da quarta página em diante tudo que se via eram garranchos incompreensíveis, nada além de rabiscos sem sentido.

Passando as folhas, Eduardo viu os riscos negros que cortavam todas as páginas uma após a outra, num impulso esquizofrênico, até o final do manuscrito. Largou então as folhas de lado, que caíram e se misturaram com as outras dezenas de folhas rabiscadas e descartadas ao chão, não sendo mais possível separar o que era obra e o que era lixo.

— Não aguento mais esse fedor. Vou descer e avisar a central.

Enquanto o colega descia, Eduardo continuou a vasculhar o apartamento. Olhou dentro dos armários, verificou o fogão e se deparou com a velha geladeira amarelada. Havia dentro de sua cabeça uma sirene, que sua intuição deflagrava nos momentos críticos e que agora soava em volume máximo. O policial abriu o eletrodoméstico e dentro dele encontrou um corpo esquartejado. Seus pedaços ocupavam quase todos os compartimentos. Mãos

penduradas na porta, coxas e braços nas prateleiras, os intestinos estavam na gaveta de legumes e a cabeça dentro do congelador. Pelas partes deduzia-se o todo; era uma mulher, aparentava ser jovem e tinha belas pernas compridas.

Ricardo Serafim

setembro/2019

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.